

Analizando e datando expressões brasileiras: P-Z

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes de expressões brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some expressions of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras, seu significado e datação

Este artigo é dedicado a comentar e, na medida do possível, datar a aparição em nossa imprensa de algumas expressões brasileiras.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da Federação do qual ela procede.

Pedra no sapato

A metáfora para estorvo, obstáculo que importuna incessantemente (Houaiss), é já bicentenária na BN:

O Courier [*Courrier du Brésil*] continuando a esperar tudo do Ministerio, vai metter a pedra no Sapato ao Corpo Legislativo do Brasil (...).
("A Malagueta" RJ, 12-12-1828).

Como é usual, o povo inova, reforçando e amplificando a forma em criativas variantes:

O dólar em disparada representa um pedregulho no sapato dos que planejam passear no exterior.
("Jornal do Brasil" RJ, 15-07-2001)

Hoje são os pequenos lojistas de rua que representam, muitas vezes, um tijolo no sapato de quem paga pelo luxo e sustenta os altos custos de locação e condomínio dos shopping.
("Jornal do Commercio" RJ, 21-02-2000)

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.

Pintar o sete

A imprensa do século XIX recolhe várias expressões populares com a palavra “pintar”, significando “aprontar” e divertir-se muito”. Algumas delas (pintar “o Simão”, “pintar o diabo”, “a manta”, “o caneco” e “o bode”) são apresentadas numa pitoresca notícia policial sobre a prisão de um tal Emygdio Dias Carneiro:

Na rua Municipal [o arruaceiro] pintou o padre; chegou o rondante e elle pintou o Simão; preso, continuou a pintar o diabo; na estação pintou a manta; acabou mettido numa camisola de força, sem ter tempo de pintar o caneco, nem o bode”.
 (“Correio do Rio”, 13-11-1889).

Chama a atenção o fato de “pintar o sete”, já corrente na época, não ter sido incluída na lista acima. Se hoje essa expressão é usada para indicar inocentes travessuras das crianças e aparece em inúmeras atividades lúdicas e pedagógicas infantis; em sua origem, pelo contrário, estava associada a crime e violência.

Com efeito, as duas primeiras aparições de “pintar o sete” na BN são rimadas com a “canivete”, em pitorescas notícias policiais da coluna “Ocorrencias de Rua”:

Queriam Tonho e Zé pintar o sete
Pois traziam navalha e canivete
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 04-02-1878)
Queria pintar o sete,
E armado de um canivete,
Pedi o ventre de alguém
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 29-04-1878)

Há uma terceira ocorrência da expressão na década, realatando também caso de cadeia, por “pintar o sete” (“O Cruzeiro” (RJ, 01-11-1878).

As explicações etimológicas da expressão que encontramos são forçadas e nada convincentes. Sem maiores pretensões, podemos aventar uma conjectura. Se a expressão surgiu ligada a atividade criminal e a objetos cortantes, pedindo “o ventre de alguém”, podemos imaginar um golpe cortante, como uma marca do Zorro interrompida no 7, antes de completar o Z, pintando um sete de sangue na vítima.



“Que país é este?” e outras sentenças indignadas

Tal como o “*O tempora, o mores!*” de Cícero, também nós buscamos modos de expressar inconformismo com a deterioração moral dos tempos que correm.

O recente falecimento de Affonso Romano de Sant'Anna convoca-nos a revisitar seu monumental poema, de 1980: “Que país é este?” (<https://mpac.ufes.br/poema/que-pais-e-este/>), que transcende a crítica à ditadura militar e também questiona o Brasil de sempre.

“Que país é este?”, não é só a pergunta lançada pelo político Francelino Pereira, líder do governo Geisel (que suscitou o poema), mas a sentença é muito antiga

e frequentíssima na BN e aponta o Brasil como o foco do problema. Sua primeira aparição na BN é:

Em que seculo vivemos! que paiz é este, onde um sacerdote insulta, e injuria seu prelado impunemente (...)?
("O Constitucional" AL, 15-04-1851).

Também "onde já se viu?", "onde já se viu uma coisa dessas?", são formas de questionamento usadas para expressar essa surpresa, incredulidade ou até indignação em relação a algo que parece estranho, bizarro ou inadequado.

A forma é antiga e sua primeira aparição na BN dá-se na sessão de 07-08-1828 dos "Annaes do Parlamento Brasileiro", quando um deputado refuta uma manobra regimental de um colega para invalidar um projeto em debate: "Oh! Sr. presidente, onde se viu isto?"

Outro exemplo: referindo-se à aviltante submissão cultural do Brasil à França, lemos já em 1868:

Onde se viu isto? Uma nação de quarenta milhões de habitantes que cada manhã espera o sancto e a senha de Pariz para saber si é dia ou noite, si deve rir ou chorar!
("O Ypiranga" SP, 22-01-1868)

Encontramos também variantes, como "onde já se viu tamanha...": "...violência?" ("O Paiz" RJ, 13-01-1902), "...zombaria de um povo?" ("Correio da Manhã" RJ, 14-12-1919), "...monstruosidade?" ("Para Todos" RJ, 25-04-1931), "...insolência?" ("A Noite" RJ, 10-11-1945) etc.

Nessa linha, uma das prediletas é "Onde é que já se viu uma coisa dessas?" (primeira aparição na BN em "Gazeta do Povo" SP, 31-03-1925).

Uma indagação afim é "**Desde quando...?**". como quando se diz, repreendendo o menino: "Desde quando, criança que não faz o dever de casa pode ficar no videogame?".

Aparece na BN já em 1827:

Dede quando esperarão os algozes as benções e elogios de suas victimas!...
("A Aurora Fluminense", 14-04-1827).

"**Onde é que nós estamos?**" é mais uma da série. Já a encontramos na BN no começo do século XX. Falando de fraudes eleitorais, o artigo diz:

Senhores, onde é que nós estamos? Que é que pensam que seja uma eleição, do que seja um Senado, do que seja uma Camara?
("A Razão" RJ, 18-05-1918)

"**A que ponto chegamos!**" é outra forma muito antiga, na mesma linha das anteriores.

Brasileiros! A que ponto chegamos! São os Andradas, os Paranágoás, ou são os Chichorros, e os Aurelianos, bons moços d'outro tempo, que nos governam.
("O Sete d'Abril" RJ, 22-02-1834)

“Em que tempo estamos?”. Calçada em Cícero, é também do século XIX na BN:

Em que tempo estamos? Que país é este?
(“Diário do Rio de Janeiro” de 14-08-1864).

“Onde isso vai parar?”, similar às anteriores, é também antiga na BN. No Senado, o Visconde de Albuquerque queixa-se de que por falta de estrutura para os ministros:

Ha de haver injustiças e atropellos, e não sei onde isso vai parar.
(“Correio Mercantil” RJ, 24-07-1860).

(Brasil, o) País da impunidade. Sem ter consciência de que estava criando uma “fórmula”, a expressão foi utilizada – sem maiores pretensões – em discurso de Josino de Araújo na sessão de 15-12-1910, na Câmara dos Deputados. Após essa primeira aparição na BN, rapidamente difundiu-se e se consolidou na década de 1910.

(..) grave e criminoso abuso que teria serio correctivo, si não vivessemos no paiz da impunidade.
(“Annaes da Camara dos Deputados” RJ, 1914)

Poucos anos depois, após narrar em sua coluna policial um golpe, incrivelmente tolerado pelo Delegado, a “Gazeta de Noticias” (RJ), qualifica o Brasil:

Delicioso paiz da impunidade! (!7-02-1916)

Por isso que o Brasil não vai para frente. Pouco depois das comemorações do primeiro Centenário da Independência, surge na BN essa expressão, que viria a ser muito frequente nas décadas seguintes em nossa imprensa. Ante nossas mazelas políticas, sociais, culturais etc., logo se dizia: “É por isso que o Brasil não vai para frente”.

O desejado Progresso (etimologicamente “ir para diante”), inscrito na bandeira, parecia adiado indefinidamente, como parte do eterno “Brasil, país do futuro”, “deitado eternamente em berço esplêndido”...

A expressão caiu em desuso, a partir de 1970, quando o governo Médici lançou uma intensa campanha em sentido contrário – “Um país que vai pra frente” –, que pretendia precisamente inverter a antiga e arraigada convicção, apoiado na conquista do tricampeonato pela seleção brasileira em 1970, no México, que popularizou a música “Pra frente, Brasil”; no chamado “milagre econômico” e em abundantíssima publicidade (que incluía um hit musical da época: “Este é um país que vai pra frente”).

Claro que com o tempo, passada a ilusória euforia da propaganda, a realidade se impôs, trazendo desafios ainda maiores: hiperinflação, luta pela redemocratização etc. mas a expressão caiu em desuso, embora continuemos a nos queixar do atraso, do “Custo Brasil” etc.

Na forma: “Por essas e outras que o Brasil não vai para a frente”, a expressão apareceu por primeira vez na BN em 28-06-1924 em “A Ilustração Moderna”, referindo-se ao descrédito da série de Conferências da “Sociedade de Bellas Artes”.

“Quem foi que disse que...?”. Além de manifestar a clara falsidade de uma afirmação (“Quem foi que disse que filho nunca traz preocupações para os pais?”), a frase é utilizada também para realçar um fato que ocorreu contra todas as expectativas: “Quem foi que disse que não íamos nem nos classificar: estamos na final!”.

Aparece na BN já em 1849:

É isso impossível, ou pelo menos mui difficil. E quem foi que disse que, na época actual fosse cousa fácil governar as sociedades humanas.
("A União" PE, 23-08-1849)

"Quem é que mandou (fazer tal tolice)?" Aparece na BN em "O Sete d'Abril" (RJ, 18-10-1837). O cronista Artilheiro despertou o ódio das senhoras da sociedade ao ousar criticar seus gastos com modas... E na coluna seguinte se lamenta:

Pobre Artilheiro! quem te mandou acordar o cão que dormia?!

"Bem feito!". Expressão muito antiga para indicar que alguém recebeu o mal que merecia, como resultado de uma ação imprudente. Desde o século XIX, vem muito associada à sentença anterior. Surge na BN já em 1839:

Bem feito: quem me mandou ser tolo, quem me mandou fallar em honra ao heróe das caricaturas (...)
("O Despertador" RJ, 14-11-1839)

(de) Outros Carnavais

O conhecimento que resulta dos anos de experiência costuma trazer consigo um certo pessimismo: em "Os Lusíadas", o realismo brutal do Velho do Restelo, que não se ilude com os falsos ideais proclamados pelas navegações, decorre de seu "saber só de experiências feito".

Há várias expressões para indicar essa prosaica atitude que desconfia de "elevadas motivações" e afirma o rasteiro na conduta ordinária: afinal, "ordinário", é sinônimo de medíocre, reles, ruim. Assim, o "macaco velho", a prostituta com seus "muitos anos de janela", a "cobra criada" etc. sabem das coisas e não se deixam enganar por aparências enganosas: já "viram esse filme".

Nessa mesma linha, está a expressão "conhecer de outros carnavais", geralmente usada como advertência de que se conhecem as manhas, as reais intenções, os artifícios de alguém. Afinal, além dos anos, assinalados por cada carnaval, nessa festa a pessoa tende a se mostrar como realmente é.

A expressão aparece na BN já em "Última Hora" (RJ, 10-06-1959), em acalorado bate-boca entre os vereadores Geraldo Moreira e Jair Martins. Este investe contra o adversário:

V. Exa. não me venha tumultuar a sessão e não me venha com gritos
(...) Conheço V. Exa. de outros carnavais.

Em casos atípicos, a expressão é usada em sentido neutro ou positivo. Como na "Homenagem ao Malandro" de Chico Buarque, de 1978.

Eu fui fazer um samba em homenagem
À nata da malandragem
Que conheço de outros carnavais

Panos quentes

"Providências que visam contornar situações difíceis, ou adiar soluções; paliativos, desculpas" (Houaiss). Embora Houaiss date a expressão em 1911, na

verdade ela aparece na BN desde 1824. Falando da habitual impunidade de criminosos e assassinos, o “Imperio do Brasil” (CE) de 03-07-1824, diz:

No caso de continuarmos a ver panos quentes será melhor viver com as onças, e com os tigres nos bosques dos sertões do Brasil.

(ficar com/de) Pé atrás

Hesitar, etimologicamente, remete à imobilidade: fixar-se, aderir fortemente, segurar-se: quem hesita não avança. E quem tem reservas, desconfia, até fica com um pé atrás... É o que afirma a expressão, já desde sua primeira aparição que encontramos na BN. As circunstâncias mudaram e empresas americanas, outrora amigas do Brasil na exportação do café:

...preferem agora ficar “com o pé atrás”, desconfiadas, esperando o desenvolvimento das coisas, antes de fechar negócios.
 (“A Tribuna” SP, 11-03-1935)

(a família) Penhorada agradece

Certas fórmulas feitas perduram por muitas décadas e mesmo tendo-se tornado obsoletas – por empregar palavras caídas em desuso – continuam, por força do hábito, a serem utilizadas.

É bem o caso da “gratidão penhorada”: em penhor, em obrigação de pagamento. Em sentido figurado, penhorado é mesmo sinônimo de gratidão (Houaiss). O agradecimento penhorado existe desde sempre na BN, como em “Abelha do Itaculmy” (MG, 26-11-1824):

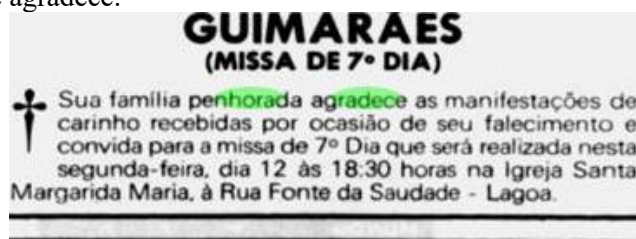
Aproveitaria esta oportunidade para manifestar os multiplicados motivos de gratidão, que existem, e que conservam penhorada toda a sensibilidade (...)

Outro exemplo: em “O Universal” (MG, 18-02-1829), um leitor pede ao Redator que publique seus versos no jornal, o que “deixará penhorada a gratidão do Seu amante leitor”.

Um dos usos mais arraigados da expressão dá-se (até o fim do século XX!) em agradecimentos por pêsames e presença em enterros, missas de sétimo dia etc.

D. Leonôr Emilia de Campos Lopes, sumamente penhorada, agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o enterro de seu falecido marido (...)
 (“Correio Mercantil” BA, 13-05-1849)

Cento e cinquenta anos depois, nos anúncios fúnebres, ainda é a “família penhorada” que agradece:



(“Jornal do Brasil” RJ, 12-12-1994)

No século XXI, a fórmula só é lembrada humorística e ironicamente, evocando uma velharia caída em desuso. Uma leitora reclama da falta de luz em ruas do Botafogo:

A Riolut parece não se incomodar com esse problema ou está apenas preocupada em não atrapalhar o trabalho dos assaltantes e ladrões de carro. A bandidagem, penhorada, agradece.
("Jornal do Brasil" RJ, 03-01-2002)

Como era de esperar, a partir da década de 2010, "penhorado agradece" já não mais é usado na imprensa...

Perdido por um, perdido por... mil (?)

Minutos finais do segundo tempo, o time precisa do empate e está perdendo por 1 a 0, o goleiro abandona sua posição e vai tentar uma cabeçada no escanteio que seu time vai cobrar: perdido por um, perdido por mil!

Mas nem sempre a expressão teve fórmula fixa. Muito antiga, quando ela surge na BN em 18-03-1852, em "O Paladim" (PE), sua primeira formulação é com 600. O jornal adverte os credores que o comerciante Souza e Mello (um "capadócio"), à beira da falência, está torrando o estoque, e diz a quem o interpela:

Perdido por um, perdido por seiscentos!

Nas décadas seguinte, o seiscentos é substituído por "dous e meio", "vinte" e "mil e quinhentos" e só em 1878 surge o "perdido por mil".

Ao longo do século XIX, temos ainda versões com "um cento", "dez", mil e quinhentos", cem, "mil e um".

No século XX há um claro predomínio de "perdido por mil", seguido de "perdido por dez" (há também outras formas mais raras, como "perdido por mais" e "perdido por muito").

Prevaleceu o gosto pelo número bem redondo e pelo valor mais alto da perda!

Perrengue

Se hoje "perrengue" significa situação complicada, difícil de ser resolvida, a palavra surge na BN com outros sentidos:

1. o que é teimoso, birrento.

[a imprensa anda em uma pasmaceira e a bocejar] Até mesmo essa polemica jornalística mesquinha e miserável, mas gárrula e perrengue, que é o pasto de nossa imprensa, tem tido sua remittencia.
("Jornal do Commercio" RJ, 19-11-1851)

2. Alguém que se mostra sem ânimo, sem vontade de agir; ou frouxo, pusilânime.

O Bem fadado Brasil!
Até bem pouco – perrengue
Quebrado, pobre e sem cura.
("Diario do Rio de Janeiro", 05-12-1858)

Houaiss faz a interessante observação sobre a etimologia: perrengue remete a *perro*, cachorro em espanhol.

Pestinha

“Pestinha”, palavra aplicada a criança traquinas e endiabrada, surge na BN em 13-01-1878, no Folhetim “Missa do Gallo”, publicado no “Monitor Campista” e que viria a ser muito reproduzido em outros órgãos de imprensa. A avó furiosa porque o netinho, “brincando de chicote”, emporcalhou suas roupas, ameaça-o com colégio interno:

– Vae te despir, pestinha. Deixa estar que para o anno has de dormir no collegio e o mestre ha de te ensinar.

Outro texto que alcançou muita difusão naqueles primórdios da palavra na BN foi “Os nossos filhos” (“Jornal do Recife”, 24-11-1881), um radical e oportuno manifesto contra a educação predominante na época (“– Socega pestinha!”), que...

não admite que a criança pule, salte, caia, que ame a liberdade como os passarinhos, e toste-se aos raios de sol como as flôres.

Com o tempo, surgiu um segundo uso, este carinhoso, da palavra “pestitinha”, explorando o potencial afetivo do diminutivo. Como aquele doce garoto pobre de uma reportagem de “O Cruzeiro” (RJ, 13-03-1965):

De alguma estrêla São Francisco de Assis vigia o pestinha, (...) um tesouro de candura.

(não deixar a) Peteca cair

A expressão ingressa na BN em 1967, quando a revista “Intervalo” (RJ, No. 257) publica a bem-humorada letra da canção “Deixe comigo”, de Nerino Silva, que faz todo um apanhado de gírias recentes que circulavam no Rio naquele tempo:

Deixe comigo.
O problema é meu.
Não vou deixar a peteca cair.
Malandro demais acaba ruim
Porque a filosofia da vida é assim
Amigo, o seu papo é furado
A sua moringa é quente
Comigo não vai dar pé
Amigo, a sua onda é fajuta
Você já é bola murcha
Teu embalo é lé lé – Mané.

Pisando em ovos

A expressão, que designa o andar cauteloso e estudado, tem já quase 200 anos na BN. Na década de 1830, as únicas 3 aparições da expressão – então somente “pisando ovos” – são de uma mesma crônica (em 3 jornais distintos), que se refere ao andar afetado de uma senhora que “presume de garbosa” e:

anda aos pulinhos, pisando ovos e saracoteando as anquinhas (...)
 (“Astro de Minas”, 01-05-1834)

Sem nunca deixar de marcar (escassa) presença na BN, a expressão só se tornará frequente na virada do século XIX para o XX.

Pitaco

Ao que tudo indica, é gíria pernambucana, surgida na BN em março de 1972. Das 25 incidências na BN nos anos 1970, 23 são de jornais pernambucanos, 1 do Rio Grande do Norte e 1 de um poeta pernambucano para jornal carioca.

E em entrevista ao Jornal do Brasil, em 14-10-1985, José Belarmino Alcoforado, presidente da empresa pernambucana de computadores Elógica, conta que em 1975 fundou com colegas a Pitaco (uma das empresas do grupo), precisamente para “dar pitaco na vida dos outros”.

A expressão difundiu-se pelo país, em 1991, graças ao incidente entre o Presidente Collor e o chefe da missão do FMI no Brasil, quando Collor disse que este era “um serviçal e que não podia dar pitaco (palpite) na questões internas do país” (JB, 22-07-1991). O jornal se viu na obrigação de, entre parênteses, explicar ao leitor o significado de pitaco.

Houaiss indica que a etimologia do termo é obscura e que talvez remeta a Pitaco, um dos sete sábios da Grécia, “famoso autor de máximas”.

Por que cargas d’água?

Desde sempre, a chuva é a primeira desculpa para atrasos, ausências, perda de colheitas e outras fatalidades e “mancadas”.

Com a chuva, sair é expor-se a ficar encharcado, ao escorregadio, a caminhos que se tornam intransitáveis etc. E a pancada forte, a carga d’água, justifica ainda mais a escusa.

Com a expressão, a chuva como tipo de desculpa estendeu-se ironicamente a instâncias que não guardam relação alguma com ela e assim, ante um fato qualquer difícil de compreender na vida política, social, familiar etc., a carga d’água é invocada para indagar sobre uma explicação que se espera. A expressão é muito frequente e já sesquicentenária na BN:

(...) até hoje ainda os padres conscriptos perguntam aos deuses, por que cargas d’água S. Ex. atirou-se por mares nunca dantes navegados. (“A Reforma” RJ, 18-02-1973)

Poucas e boas

A expressão, instalada no neutro, “poucas e boas” é já – quem diria? – mais do que sesquicentenária. Está no neutro somente no sentido em que deixa indeterminado o que são as “poucas e boas”: poucas e boas, o quê? Nessa mesma linha, são “neutras” as expressões: “aí é que são elas”, “fica elas por elas”, “tomou umas e outras”, “fica uma pela outra”, “peguei uma gripe daquelas” etc. Nesses casos, não se especificam o que exatamente são “elas”, “uma”, “outra” etc. Mas é claro que “poucas e boas” não são neutras no sentido de inofensivas, pois claramente se trata de algo do âmbito do agressivo: reprimendas, espinafradas, pancadas, broncas etc.

Sua primeira aparição na BN dá-se já em 09-11-1863, no “Diário do Rio de Janeiro”. Referindo-se a uma lamentável ação iniciada por um mau agente de polícia, o articulista diz:

Ah! Estes agentes são os meus peccados! Vamos esperar pelo resto para então dizer poucas e boas.

Pra Chuchu

“Pra chuchu”, como todos sabem, significa “à farta, muito” (“comer pra chuchu”), em grande número, em grande quantidade, pra burro (“havia gente pra

chuchu”). E isso porque esse fruto dá em abundância “medra em qualquer beirada de quintal”, como escreve Manuel Bandeira em clássica apologia dessa cucurbitácea. Já em 1931 a expressão está na BN:

Mas com franqueza... (os versinhos) estavam bons para “chuchu”.
(Diário de Santos, 13-01-1931)

O film era *formidável*, e os artistas lindos para *chúchú*.
 (“Vida Domestica” RJ, maio de 1931)

Esta última é, na verdade, uma fala em um conto, no qual a avó D. Joaninha fica horrorizada quando sua netinha, a menina Clarinha, se expressa com as recentes gírias “da actualidade”, como a recém-surgida “pra chuchu” ou a do novo significado adquirido (por volta de 1930) de “formidável”, que antes só significava “assustador” e, então, passou a ser empregado no sentido que tem até hoje: “ótimo, excelente”. A menina emprega também outros “termos de calão”: “por conta”, “à bessa” e “(ser/estar um) colosso” (“de excepcional valor ou poder).

Procurar chifre em cabeça de cavalo / pelo em ovo

Procurar problemas onde não há.

A expressão com chifre é centenária na BN, surgiu em “O Paiz” (RJ, 10-01-1924) e uma de suas mais próprias aplicações deu-se na seguinte ocorrência:

Os atletas geralmente evitam os médicos, pois como dizem esses atletas: “os médicos procuram chifre em cabeça de cavalo”.
 (“Educação Física” RJ, No.72, 1943)

Já a expressão com “pelo em ovo”, mais tardia e menos usada, ingressa na BN na edição de 25-02-1960 do “Correio Paulistano”. O articulista discutia um *imbroglio* de doping em corrida de cavalo e diz:

Não vamos, leigos que somos nessas questões químicas, procurar “pelo em ovo”.

“Sarna para se coçar” (v. verbete no artigo seguinte) é antiquíssima: surge na BN em “O Sete d’Abril” (RJ, 18-04-1837).

Pular o carnaval

Cada atividade tem um verbo que apropriadamente lhe é associado: lutar caratê, jogar damas, praticar atletismo etc. Curiosamente, desde sempre na BN (a primeira aparição é de 1826) sempre se diz: “jogar capoeira”.

No caso do carnaval, passados cem anos, ocorreu uma mudança nesse sentido. Tardou para a linguagem popular perceber que a forma mais apropriada de referir-se à participação no carnaval é com “pular”. A expressão (inicialmente: “pular no carnaval”) só aparece na BN em 1951; e direto com “carnaval”, em 1957.

“Se é pecado sambar” e pular no Carnaval, é preciso além de dizer “Não é pecado sambar”, saber porque se samba e porque não é pecado!

Aquela bonita morena olhava, de todo jeito, domingo, no “Grito de Carnaval” do [Clube] Higino. Foi uma pena, mas eu não sei pular carnaval.
 (“Diário Carioca”, 05-02-1957)

“Pular o carnaval” vai se afirmando na segunda metade do século XX, desbancando a expressão que reinara nos cem anos anteriores: “Brincar o carnaval”, surgida na BN em 1854:

[Não se deve jogar limões de cheiro] Porque esse modo de brincar o Carnaval é antiquario e desusado.
 (“Jornal da Senhoras” RJ, 19-02-1854)

(dar um) Pulinho

“Pode deixar, na volta da escola, eu dou um pulinho na padaria”. A simpática expressão “dar um pulinho”, ir a algum lugar para não se demorar, dar uma “passadinha”, torna-se mais encantadora quando nos damos conta de que é surpreendentemente antiga. Já em 1852, a priminha se queixava:

– [Sim, não se deu a ocasião, você podia] porem ao menos dar aqui um pulinho, para saber da saude de sua priminha.
 (“Periódico dos Pobres” RJ, 22-05-1852)

Na mesma época, uma visita apressada, de curta duração era qualificada de **“visita de médico”**. O Sr. Cazuzza, nem bem chegou, já se despede e a dona da casa diz:

– Com effeito, o Sr. Cazuzza faz visita de medico, nem o Sr. Chico, que é doutor, foi tão apressado!
 (“A Marmota na Corte” RJ, 07-02-1851)

No “pulinho”, é essencial que a duração seja tida como curta: eu posso dar um pulinho na feira para comprar um ou dois itens, mas se é para abastecer a casa por uma semana, então eu vou à feira ou, no limite, passo na feira.

Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece

Na percepção proverbial, as desgraças tendem a se suceder (“Desgraça pouca é bobagem”) e podem vir de onde menos se espera, como diz o refrão célebre na Espanha: *“por si fuéramos pocos, parió la abuela”*. A fórmula que aqui contemplamos, surgida na BN em 1951, vai mais além: apesar de nos precavermos e quanto mais o fazemos, mais os infortúnios ocorrem.

Uma boa aplicação da expressão deu-se quando, em 05-12-1957, o “Paraná Esportivo”, comentando a derrota do Coritiba para o Ferroviário (por 2x1), recolheu-a como desabafo de um torcedor (a torcida, claro, já havia protestado contra a arbitragem), quando o juiz Tufi Isfer anulou por terceira vez um gol do “coxa”...

Roupa suja se lava em casa

Mais do que sesquicentenária, a primeira aparição na BN dá-se em “O Constitucional” (SP, 20-12-1862). Antes da difusão da máquina de lavar nas casas, era

comum – entre os que dispunham de recursos – confiar a roupa da família a lavadeiras, que se encarregavam desse serviço. O provérbio pretendia impor limites – de recato – às peças “sujas” que se entregavam a essas profissionais.

No entanto, houve casos de interpretação equivocada do provérbio: não em atenção ao pudor do que seria lavado, mas à interdição de lavar em espaços públicos. O noticiário policial do “Diario de Noticias” (RJ, 11-09-1877), registra a seguinte ocorrência:

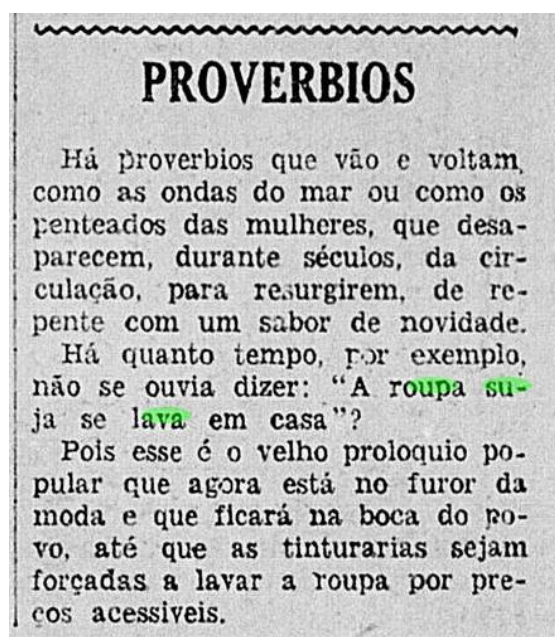
A Sra. Josepha Maria Rosa estava ante-hontem no Campo da Acclamação lavando sua roupa suja. Joaquim Pedro da Cruz passando por alli e entendendo que roupa suja se lava em casa, contendeu com a lavadeira. D’ahi originou-se uma contenda que teve por epilogo a intervenção da policia.

Também “Revista Illustrada” (No. 241, 1881) incorre na mesma interpretação:

O vereador Malvino não reflectio bem quando propoz as lavanderias publicas...

E o proverbio então, que diz que a roupa suja se lava em casa. onde é que fica então o proverbio?

E algo parecido dá-se com o comentário de “A Manha” (RJ, 13-02-1947):



Sair de fininho

A expressão surge na BN em coluna de notícias policiais. João e Maria começaram um namoro no Bar Palácio. Após alguns chopos e muitos petiscos, na hora de pagar:

João e Maria quiseram sair de fininho, mas o proprietário estrilou, chamando o guarda 140, que prendeu os dois convivas, trancafiando-os no xadrez.

(“Diario da Tarde” RJ, 14-03-1942)

Em uma de suas primeiras aparições, a expressão faz um belo dueto com um seu contraponto:

O Russiano (...) falou que alguém tinha o costume de sair de fininho. Mas agora o que ele fez foi entrar de mansinho.
("Diario da Noite" RJ, 10-11-1948)

Sair do sério

Tal como em outras expressões – como, por exemplo, “o seguro morreu de velho” – encontramos aqui um adjetivo substantivado, como se fosse um neutro latino: “o sério”. A indeterminação do neutro – “o sério” como conjunto de atitudes que constituem a seriedade – remete a características como gravidade, circunspeção e sisudez. Daí que quem perde a paciência e explode, sai do sério: dá-se a destemperos verbais ou de atitudes, é tomado de arrebatamento que o leva ao descomedimento, profere inconveniências etc.

A expressão é quase bicentenária na BN: surge em 10-12-1838 em “O Sete d’Abril” (RJ)

Ora queira Deus que com estas calumnias me não façam sair do serio... Se eu me ponho a dictar... direi coisas que não lembraram ao Diabo!...

Sangue de barata

A expressão é antiquíssima na BN: surge há 200 anos, em uma raivosa carta de leitor, investindo contra a dilapidação do erário público por “patronato”, palavra do jargão político da época, pois designava a abominável impunidade de ocupantes de cargos por apadrinhamento.

[Há incontáveis despesas inúteis por conta] de hum bem notavel patronato, palavra magica e bem capaz de fazer sair fôra de sua apathia ao maior indiferentista que exista neste mundo, ainda que tenha (como se diz vulgarmente) sangue de barata, e nunca em sua vida houvesse dado mostras de ter brio ou pundonor.
("Astréa" RJ, 15-09-1827)

Significativamente, o missivista assina, afirmando seu contraste com o inseto: “um Brasileiro de Sangue quente”.

Sarna para se coçar

Procura sarna para se coçar aquele que cria para si problemas desnecessários, em vez de deixar a vida seguir normal e serenamente. A expressão é muito antiga aparece muito frequentemente ao longo das décadas. Surge na BN por primeira vez em “O Sete d’Abril” (RJ, 18-10-1837):

Quizéste procurar sarna para te coçar, aí a tens (...)

“Procurar sarna para se coçar” acrescenta às congêneres do chifre/ovo, consequências desagradáveis da busca.

Nesse sentido, recordo uma brilhante piada do genial humorista catalão Eugenio:

Sete horas da manhã. Fim de janeiro. Século 11. Baixa Idade Média.
O cavaleiro regressa ao castelo, depois de uma dura batalha, em estado deplorável. Ia com a armadura toda amassada, o elmo retorcido, a cota de malha em frangalhos e o cavalo mancando.
O senhor do castelo sai a seu encontro e diz:
- Mas o que foi que te aconteceu?
- Senhor, eu venho de servir a meu senhor, castigando vossos inimigos do Norte.
- Mas, o que estás dizendo...? Eu nunca tive inimigos no Norte!
- Ah, mas a partir de agora, sim, que tendes...

Sente o drama

Stanislaw Ponte Preta, o grande observador da linguagem, não só foi criador de inúmeras expressões que usamos, como também o promotor de novos usos para fórmulas pré-existentes.

Foi o que aconteceu com “Sente o drama”, em 1960 ou 1961. Na década de 50 (e antes) era muito empregada na imprensa para descrever o que passava a população em situações particularmente aflitivas ou trágicas (enchentes, desabamentos, guerras, epidemias etc.). Stanislaw, genialmente, deslocou o uso da expressão: da gravidade do extraordinário desastre para as pequenas chatices do cotidiano: “Meu cunhado vem jantar hoje em casa”, “A TV pifou no sábado à noite e só na segunda poderei chamar o técnico”, “Meu time foi sorteado na chave do campeão argentino e do campeão do Uruguai” etc.

Assim, em 1962, uma mãe que escreve sobre a incompreensibilidade das **novas gírias** utilizadas pela filha de 15 anos, inclui esta:

Amanhã, prova de Matemática, sente o drama.
 (“Jornal do Brasil” RJ, 28-11-1962)

A autoria de Stanislaw desse uso da expressão é atestada em artigo do mesmo “Jornal do Brasil” de 15-08-1961.

Só se for agora

Forma categórica de concordância cabal, como “demorou!”, “sem dúvida!”, “claro que sim!” etc.

Muitos pensam que é uma gíria recente; na verdade, trata-se de uma reabilitação. Procurar a expressão “Só se for agora” na BN é tarefa ingrata, pois a Hemeroteca não isola essa fórmula e a maioria das respostas não se refere a ela.

Seja como for, encontramos seu uso nas décadas de 1960 e 1970, e talvez a primeira aparição na BN seja em uma fala de “O Amigo da Onça” em 1952:



“O Cruzeiro” RJ, 13-12-1952

(Não dar) Sopa para o azar

Expressão que alerta para a conveniência de empenhar esforços para não dar ensejo ou facilidade (“**dar sopa**”) de que ocorra algum infortúnio. Por exemplo, “Já sei que é chato e trabalhoso, mas é preciso fazer back-up frequentemente: você não pode dar sopa para o azar”. E não por acaso, o lema “Sem essa de dar sopa para o azar” foi usado em campanha do BB Seguros em 2023.

Uma primeira ocorrência na BN dá-se no “Diário da Noite” (RJ, 28-10-1968), quando se diz que o Corinthians, franco favorito, perdeu para o Flamengo, pois:

começou a ir dando “colher de sopa” para o azar.

No caso acima, na verdade, o articulista emprega “colher de sopa”, no sentido de “enorme ocasião”, já que “dar colher de chá” é “dar oportunidade”. A partir de 1970, nossa expressão aparece em sua forma e sentido próprios na BN.

Tchau e benção

Como dissemos alhures, a repetição de uma palavra pode denotar intensidade: o falar demasiado é *bla-bla-blá*, *nhe-nhe-nhem* (falar, falar, falar em tupi), *patati-patatá* ou *lero-lero*; filme com muito tiro é *bangue-bangue* etc.

Além da repetição, em nosso caso *tchau-tchau*, ajuntando um sinônimo ou termo de significado próximo podemos dar ênfase, colorido, complementação de sentido ou mesmo humor. É o que ocorre, por exemplo, com: “Mas, porém, contudo, todavia” que, curiosamente, é fórmula muito antiga e repetida constantemente na BN. Já em 1879, dizia “O Mequetrefe” (RJ, No. 166)

[Sim, nosso lugar na imprensa é muito modesto], *mas porem comtudo* não vemos motivo para que se nos negue um comprimento n’essa epocha de liberdade e democracia.

É o que ocorre também com “A cara e a coragem”, gíria que surge na BN em uma tirinha do “Diário de Notícias” (RJ, 08-03-1946)



Outros casos: “são e salvo” (na BN desde 1812 – “Gazeta do Rio de Janeiro”; “cuspidos e escarrados” (na BN desde 1848 – “O Diário Novo” – Recife, 28-08-1848), “firme e forte”, “*ferrado* e mal pago” etc.

Nossa expressão “tchau e benção” surge na BN em “O Jornal” (RJ, 27-01-1972), em coluna do célebre radialista Paulo Barboza, como despedida de sua crônica daquele dia.

Tempestade em copo d’água

Evidentemente, um espaço minúsculo como um copo d’água não comporta um fenômeno tão intenso e complexo como uma tempestade e, assim, a expressão refere-se a uma pretensão descabida, a de um enorme exagero: “estardalhaço por motivo insignificante” (Houaiss).

É interessante notar que, em suas primeiríssimas aparições na BN, para além do consenso quanto a seu significado, há uma divergência quanto ao uso: afirmar uma “tempestade” que se sabe inexistente ou negar que ela possa se formar.

O surgimento da expressão na BN dá-se em 1850, referindo-se à oposição oportunista e totalmente infrutífera do jornal “Estandarte” ao governo:

A sua opposição he uma tempestade n’um copo de agua, como diz um de nossos bons jornalistas.
 (“O Correio da Tarde” RJ, 11-10-1950)

Com o uso da expressão ainda em formação, a segunda aparição da expressão na BN em vez de afirmar uma tal (impossível) tempestade (uso que viria a se consolidar como único), opta por dizer que ela não se forma:

As trovoadas e furacões que se leem nos pasquins do *botijão* não produzem uma tempestade em um copo d’água: todos os homens honestos (...) não fazem caso dos *botijões*.
 (“Correio Mercantil” RJ, 31-08-1853).

Tintim por tintim

Com todas as minúcias e particularidades.

Expressão muito antiga e frequente, surge na BN já em 1829:

E já todos sabem tim tim por tim tim, onde, quem, como se fez o pasquim (...).
 (“Astrea” RJ, 20-08-1829)

Todo santo dia

“Santo purê de batatas, Batman!”. Santo isso, santa aquilo, era o bordão de Robin, o menino prodígio da Dupla Dinâmica, que o repetia tão incessantemente, como que dizendo ao espectador: “Tenha a santa paciência!”

“Todo santo dia” é expressão usada hoje só no sentido de “todos os dias”, mas no século XIX podia ser usada também como “o dia todo” (ou, em muitos contextos, ambigualmente, cabendo interpretação nos dois sentidos). E, curiosamente, nos dois casos, sempre grafada com o artigo “o santo dia” (mesmo que erradamente, quando se tratava de “todos os dias”). Só no século XX, começa a ser escrita sem o artigo, forma que se exclusiviza na década de 1950.

“Todo (o) santo dia” é muito frequente na BN, aparece por primeira vez em “Astréa” (RJ, 07-10-1828), e era empregada nos dois sentidos.

Vemos todo o santo dia [todos os dias]
Mandar-se para a cadêa
Sem uma prova de crimes
Um cidadão sem malícia
Por segredos da policia
("O Correio da Tarde" RJ, 11-12-1856)

Hontem, Sr. presidente, levei todo o santo dia [o dia todo]
examinando esses papeis.
("Annaes do Parlamento Brasileiro, Sessão de 1849" RJ, 1879)

A oposição entre o vulgar "santo dia" e o "dia santo", expressa-se, por exemplo, em uma piada de "O Malho" (RJ, 27-09-1902), que joga com essa curiosa dualidade. Referindo-se ao voraz apetite sexual de um homem, diz que ele se entrega às práticas "todo santo dia" e "até todo dia santo"

Para além dos cacoetes de linguagem do rapaz da dupla dinâmica e do mero uso enfático de "santo" em "todo santo dia", não deixa de ser muito surpreendente a oposição entre esse "santo dia", que se refere aos dias comuns, e o raro e muito especial "dia santo".

O paradoxo se desfaz, quando consideramos um dos aspectos da tradição católica, que tanto marcou a cultura e a linguagem do brasileiro.

E é que a linguagem comum pode ter um alcance muito maior do que aquele que supomos à primeira vista: a frequência do uso tende a embotar e tornar invisível o significado original profundo de muitas expressões, como a que aqui contemplamos: "todo santo dia".

Naturalmente, muito dessa cultura que se consubstanciou em linguagem é de origem religiosa. É nesse sentido que até um José Saramago pode afirmar em Cadernos de Lanzarote III (1996): "Há uma evidência que não deve ser esquecida: no que respeita à mentalidade, sou um cristão".

Para este verbete, consideremos a influência da religião católica na linguagem cotidiana: a denominação dos nossos dias da semana.

É de João Paulo II a observação de que a língua portuguesa é a única a preservar os nomes cristãos dos dias da semana: segunda-feira, terça-feira etc.: "*In Lusitano sermone verba similia reperiuntur*" (Carta apostólica Dies Domini, Nota 22).

De acordo com o espírito pastoral do papa Gregório Magno (morto em 604), o cristianismo podia fazer concessões em aspectos acidentais para a conversão dos povos bárbaros, e assim a Páscoa cristã em inglês e alemão leva o nome de uma divindade pagã: *Easter* / *Oster*.

Do mesmo modo, os nomes dos dias da semana em outras línguas europeias remetem a divindades pagãs / planetárias, latinas ou bárbaras.

Segunda-feira é o dia da lua (*lunes, lunedì, lundì, monday, Montag*); terça, é o dia dedicado a Marte; quarta, a Mercúrio (ou a *Odin, Wednesday*); quinta, ao poderoso Thor (*Thursday*) ou a Júpiter / Jove, ao trovão (*Donnerstag*); sexta é o dia de Vênus ou Freya. O sábado e o domingo preservam em algumas línguas esses nomes da tradição cristã; ou ficam dedicados a Saturno (*saturday*) ou ao Sol (*Sonntag, sunday*).

Mas o que têm nossos dias comuns, as "feiras" (segunda-feira, terça-feira etc.) de cristão? *Feria* em latim é a palavra para festa. Ora, como faz notar o teólogo Josef Pascher: para a liturgia, todo dia é dia de festa e é por isso que a liturgia chama o dia comum (que não é comum: é sempre de festa) de *feria*...

Festa porque o culto cristão – o sacrifício de Cristo, a Santa Missa – se realiza em meio à criação: toda a criação é em cada missa – por Cristo, com Cristo e em Cristo –oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, em festa, porque em vez das superstições dos astros, celebra a Cristo.

Comentando o Salmo 93 (En. in Ps. 93, 3), S. Agostinho diz:

O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a secunda feria, à que os profanos chamam Lunae diem; a tertia feria, diem illi Martis; a quarta feria é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também...

Não admitamos isto! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições.

Nessa mesma linha, S. Tomás de Aquino ensina (Super Ev. Io. cp 20 lc 1) que o domingo é a “primeira feira”:

Prima feria, e isto por causa da Páscoa: assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a Feria. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual “*inchoabitur dies aeternitatis*”, começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol, que faz esse dia, já não morre.

Assim, a rigor, o católico em vez da “segunda feira brava”, teria a “segunda festa” e, do mesmo modo, todo santo dia.

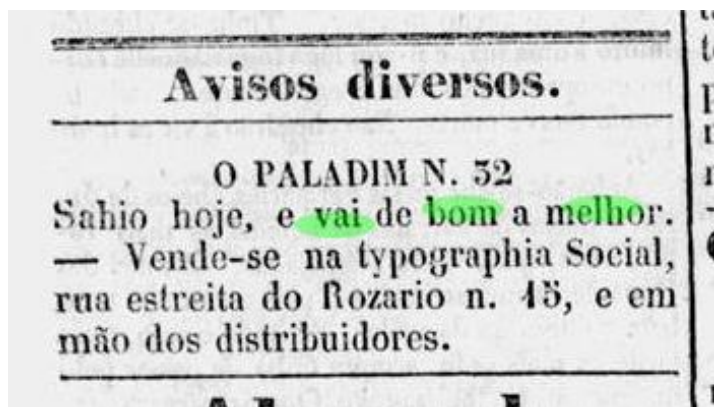
(com) Unhas e Dentes

A expressão, naturalmente, indica disposição de determinação, de empenhar-se em algo com máximo esforço e com o propósito de não desistir: unhas e dentes agarram para não largar! O *idiom* correspondente em inglês é: *fight tooth and nail*. Antiquíssima, a primeira aparição da expressão na BM ocorre em 27-10-1823 em “O Correio do Rio de Janeiro”:

Atira-se com unhas, e dentes contra aquelles “que cobriram de raivosa espuma o Correio Brasiliense (...)”

Vai de bom a melhor

Além da ainda atual “vai de mal a pior”, encontramos na BN, no século XIX, desde 1837 (“O Carapuceiro” PE, 11-05-1837) a expressão: “vai de bom a melhor”, por vezes, complementada por “de melhor a optimo”.



(“O Diario Novo” PE, 23-02-1852)

Ao longo do século XIX, a expressão aparece 11 vezes e, como a imprensa, na política, tende a apontar defeitos mais do que a elogiar, todas são no sentido de criticar o “otimismo” dos poderosos em relação a seu governo ou ironizar as mazelas

do serviço público etc. A exceção é a de um anúncio publicitário: o jornal que publicamos “vai de bom a melhor”...

“Vade Retro”, “Cruz credo” & Cia. – algumas fórmulas de esconjuro

Em alguma ocorrência – diferente ou surpreendente – do dia, ao suspeitar de suposta ação (mesmo que oculta) de demônios ou espíritos maus agindo naquele fato, ou simplesmente ao advertir algum indício de males, perigos, azares, agouros, invejas, energia negativa etc., há, na tradição popular, inúmeras fórmulas de esconjuro, recorrendo à religião (ou à superstição...) para afastar malefícios e maus agouros. Analisaremos apenas algumas poucas das mais antigas.

Cruz Credo! é talvez a mais clássica dessas interjeições, evocando a Cruz como proteção e também a integridade da adesão à doutrina da Igreja, condensada no Símbolo dos Apóstolos: a oração do Credo.

Sua primeira aparição na BN, dá-se em um artigo que expõe absurdos de conduta de um juiz de direito e conclui:

Isso são coisas que nunca vi! Cruz, Credo, Ave-Maria!
 (“O Correio da Tarde” RJ, 09-07-1859)

É muito usual nas falas de esconjuro o recurso simultâneo a diversas fórmulas (da religião ou da superstição) como “reforço” e para aumentar a chance de que alguma delas funcione.

Cruz, Credo, pé de pato, eu te esconjuro, caiporismo, dizia o amigo Macedonio (...)
 (“O Constitucional” RJ, 28-09-1864)

Mas a lavadeira até hoje, quando lhe falam nisso [uma assombração que lhe apareceu], afirma, persignando-se:

– Cruz Credo! (...) São Miguel Arcanjo que me proteja!
Crendospadre! [“Creio em Deus Padre”, sentença inicial do Credo]
 (“Letras da Província” SP, julho-agosto 1957)



S. Miguel, o comandante da tropa de elite celestial

<https://saojudastadeu.org.br/sao-miguel-arcujo-defendei-nos-no-combate/>

Assim, pode-se, por exemplo, invocar a Virgem Maria e São Miguel Arcanjo, que venceram o diabo, mas também o “pé de pato”, em geral associado a “mangalô”, como já diz um texto do século XIX: uma alma assombra em sonhos um deputado e o ameaça de vir “dançar” contra ele **“o pé de pato mangalô”** (“Diario de Minas” 09-06-1899).

A fórmula podia (devia) vir acompanhada de uma “cruz com os dedos”, como faz a personagem de conto infantil, Dona Benedicta, em “O Tico-Tico” RJ, 26-11-1913). A tradição exige ainda que à sentença, se ajunte “três vezes”:



(“Jornal do Brasil” RJ, 27-28-2008)

Outro esconjuro clássico é “*Vade Retro*”, baseado na fala do próprio Jesus Cristo (Mc 8, 33 - Vulgata), que repreendeu a Pedro, quando este queria dissuadi-lo de Seu sacrifício, dizendo: “*Vai para trás* de mim, Satanás, porque não compreendes as coisas de Deus, mas as dos homens”. A primeira aparição na BN é antiquíssima e dá-se em editorial da edição de 2 de fevereiro de 1816 de “Idade d’Ouro do Brasil” (BA) que, após execrar sátiras infundadas e grosseiras, as esconjura: “*Vade Retro*”.

A expressão encontra-se também em uma célebre fórmula de exorcismo medieval, tradicionalmente associada a São Bento:

Crux sacra sit mihi lux
Non draco sit mihi dux
Vade retro satana
Numquam suade mihi vana
Sunt mala quae libas
Ipse venena bibas
A Cruz Sagrada seja a minha luz
Não seja o dragão o meu guia
Retira-te, Satanás
Nunca me aconselhes coisas vãs
É mau o que me ofereces
Bebe tu mesmo o teu veneno

Vai ver o que é bom (para tosse)

A irônica expressão alerta (/ anuncia ameaça) para as consequências desagradáveis de uma ação, atitude ou evento: “Ele agora vive reclamando dos pais, mas quando estiver morando sozinho, aí é que ele vai ver o que é bom...”.

Surgida na BN em 13-05-1910 (“A Tribuna” SP), a expressão aparece em uma piada muito repetida naquela década:

– Minha sogra vai se casar (...) e ella agora tambem vae ter sogra e vae ver o que é bom!
(“A Vida Moderna” SP, Ed. 96, 1911)

A partir de 1963 na BN, a expressão vem também em forma ampliada “ver o que é bom para tosse”, com exatamente o mesmo significado. Falando de represálias do Brasil contra a França, no incidente conhecido como a “guerra da lagosta”, provocado por aquele país, a “Tribuna da Imprensa” (RJ, 23-02-1963) diz:

Os franceses não perdem por esperar. (...) Eles vão ver o que é bom para tosse.

Ventilador na farofa / bagunçar o coreto / pega pra capar / banzé / bafafá

Duas expressivas metáforas surgiram no começo da década de 60 para significar que algo ou alguém está causando confusão, tumultuando uma situação.

“Ligar o ventilador na farofa” aparece na BN no “Correio Braziliense”, em 11-06-1963, em artigo no qual Guilherme de Figueiredo cria um diálogo com gírias recentíssimas da época entre as quais a do ventilador para referir-se à derrota de Napoleão, após triunfos exuberantes.

“Bagunçar o coreto”, mais uma de tantas que devemos a Stanislaw Ponte Preta é inaugurada na BN por ele no “Diário da Noite” (RJ, 15-06-1961), relatando um quiproquó entre dois políticos, ocorrido literalmente em um coreto.

Já a palavra “bagunça”, aparece na BN na década de 1910 como folguedo militar, “jogo da bagunça”, bloco carnavalesco etc. Só na década de 20 adquirirá o sentido de baderna, confusão, desorganização...

A expressão “pega pra capar” é muito mais antiga, quase bicentenária na BN (primeira aparição em “O Sete d’Abril” RJ, 01-02-1834). Ao longo de todo o século XIX é usada somente no sentido de agressão generalizada (diríamos hoje: “cair de pau”) sobre um indivíduo (ou um grupo). Só no começo do século XX, passou a significar também – sentido que acaba por prevalecer – “tumulto generalizado”, como aparece claramente, por exemplo em “A Praça de Santos”, de 02-08-1928: houve “vultoso furto em armazém das Docas” (mais um de tantos) e é certo que há funcionários envolvidos, mas:

É claro que na hora do “pega pr’a capar” ninguém aparece.

Também bicentenária na BN é a palavra “banzé”, para expressar tumulto, confusão generalizada (primeira aparição no “Jornal do Commercio” RJ, 15-11-1831). Notícia policial do “Correio Mercantil” (BA, 09-02-1839) dá conta de que “vultos” dispararam tiros de madrugada contra a Guarda da Ribeira. Entre outras versões, alguns dizem que se trata somente de preparação para as bagunças do carnaval, que se aproxima:

Outros dizem que isso nada mais foi, senão o preludio do novo banzé que virá com as laranginhas do entrudo.

Em 1880, surge na BN bafafá, também para expressar tumulto, arruaça:

Um carcamano furioso fazia hontem, na rua do Conde D’Eu, um *bafafá* imenso.

– *Per la Madona, amico mio*, disse-lhe a policia, conduzindo-o ao xadrez.

(“Gazeta da Tarde” RJ, 01-12-1880)

(Fulano é um) Zero à esquerda

Ao definir essa expressão, acertadamente diz o Houaiss: “indivíduo destituído de valor, sem competência, capacidade ou préstimo; um nada, uma nulidade, um zero”.

“Zero à esquerda” surge na imprensa nacional em 1890 e o cronista Marasquino de “O Paiz” (RJ, 18-07-1890), sente-se na obrigação de explicar a nova forma:

O directorio do partido republicano da capital considerou-me em relação com a política terra com o mesmo valor do zero a esquerda do algarismo.

Malba Tahan, o grande mestre do ensino de matemática, alerta-nos para o fato de que as coisas não são tão simples como parecem: o zero à esquerda pode ser muito significativo.

Sorteado o número 0043, no primeiro prêmio, por exemplo, esse número, para o Bicho, passa a ser um milhar. O milhar 0043.

O jogador do Bicho declara com a maior naturalidade: – No terceiro prêmio deu o milhar 0003! Que azar!

Muitos autores matemáticos, em seus compêndios, continuam ensinando a seus infelizes alunos: “O zero à esquerda de um número não tem a menor significação!”.

Seria interessante que esses autores (matemáticos) fossem tomar aulas com os nossos vivíssimos bicheiros da Pavuna, do Irajá ou da Penha. Essa história de dizer que zero à esquerda não vale nada é uma tolice incrível que vem se arrastando pelos bancos escolares desde os velhos tempos da Aritmética de Trajano. Em certos casos um zero, um simples zerinho à esquerda, representa, numa lista do Bicho, milhares de cruzeiros! E note-se: ainda há zero à esquerda nos números das notas, nos números de certos sorteios (apólices) e nos números de telefones: 01, 06, 07, etc.

Mas alguns algebristas descuidados, ou meio fantasiosos, continuam a ensinar, com a maior ingenuidade, que zero à esquerda não tem significação alguma.

Até os bicheiros semi-analfabetos, que fazem ponto na Central do Brasil, acham graça nessa teoria!”

(TAHAN, M. **O jogo do bicho à luz da matemática**. Curitiba: Grafipar, 1976, pp. 59-60.)

Recebido para publicação em 22-05-25; aceito em 24-06-25